

BICORPOREIDADE E TRANSFIGURAÇÃO

Aparição de Espírito de pessoas vivas – Homens duplos –
Santo Alfonso de Liguori e Santo Antônio de Pádua –
Vespasiano – Transfiguração – Invisibilidade

114 A bicorporeidade e a transfiguração são variações das manifestações visuais e, por mais maravilhosos que possam parecer numa primeira análise, podemos entendê-las e explicá-las facilmente, porque são fenômenos naturais. Ambos se apóiam no princípio do que foi dito sobre as propriedades do perispírito após a morte, que se aplicam igualmente ao perispírito dos vivos. Sabemos que durante o sono o Espírito recupera em parte sua liberdade, ou seja, sai do corpo, e é nesse estado que temos a ocasião de observá-lo. Mas o Espírito, esteja o homem morto ou vivo, sempre tem seu corpo semimaterial, o perispírito, que, pelas mesmas causas que já descrevemos, pode adquirir a visibilidade e a tangibilidade. Fatos bem positivos não deixam nenhuma dúvida a respeito; citaremos assim apenas alguns exemplos, que são de nosso conhecimento pessoal e de que podemos garantir a exatidão, mas qualquer um pode compará-los com outros semelhantes, consultando suas próprias lembranças.

115 A mulher de um de nossos amigos viu diversas vezes durante a noite entrar no seu quarto, com a luz acesa ou às escuras, uma vendedora de frutas da redondeza que ela conhecia de vista, mas com quem jamais havia falado. A aparição lhe causou um medo muito grande, porque na época a senhora não tinha nenhum conhecimento do Espiritismo e porque o mesmo fato se repetia muito freqüentemente. Acontece que a vendedora estava perfeitamente viva e provavelmente dormia àquela hora em sua casa. Enquanto seu corpo material dormia, seu Espírito e seu corpo fluidico estavam na casa dos nossos amigos. Por quê? É o que não se sabe. Diante desse fato, um espírita, conhecedor dos fenômenos, teria interrogado a aparição, mas a senhora não tinha a menor idéia do que fazer. Todas as vezes a aparição sumia sem que ela soubesse como e, em seguida, ela verificava se todas as portas estavam perfeitamente fechadas e se ninguém havia entrado em seus aposentos. Essa precaução lhe deu a certeza de que ela estava bem acordada e de que não era juguete de um sonho. Numa outra ocasião, viu da mesma maneira um homem que não conhecia e, certo dia, viu seu irmão que morava na

Califórnia; sua aparência era tão real que num primeiro momento acreditou que ele houvesse regressado e quis lhe dirigir a palavra, mas ele desapareceu sem lhe dar tempo. Uma carta recebida posteriormente lhe provou que o seu irmão estava vivo. Essa senhora era o que podemos chamar de médium vidente natural, mas, nessa época, como dissemos, nunca ouvira falar em médiuns.

116 Uma outra senhora, que morava numa cidade do interior, estando gravemente doente, viu, certa noite, por volta das vinte e duas horas, um senhor idoso, que morava na mesma cidade e que ela conhecia apenas de vista, sentado numa poltrona, aos pés de sua cama, que, de quando em quando, aspirava uma pitada de rapé*. Parecia cuidar dela. Surpresa com a visita àquela hora, ela quis lhe perguntar o motivo, mas o senhor lhe fez um sinal para não falar e para dormir. Por diversas vezes ela quis lhe dirigir a palavra, e a cada tentativa recebeu a mesma recomendação. Ela acabou por dormir. Passados alguns dias, estando restabelecida, recebeu a visita do mesmo senhor, mas em hora mais conveniente, sendo que dessa vez ele realmente estava lá; usava a mesma roupa, a mesma tabaqueira de rapé e tinha exatamente as mesmas maneiras. Persuadida de que ele a visitara durante sua doença, agradeceu pela atenção que recebeu. O senhor, bastante surpreso, disse que não tinha o prazer de vê-la já há bastante tempo. A senhora, que conhecia os fenômenos espíritos, compreendeu o que acontecera; não querendo entrar em detalhes, preferiu dizer-lhe que provavelmente havia sonhado.

O mais provável é que tenha sonhado, dirão os incrédulos, os Espíritos fortes, que com essa expressão consideram a si mesmos pessoas de bom senso. Mas a verdade é que essa senhora, assim como a anterior, não dormia. Então ela sonhava acordada ou teve uma alucinação. Eis a grande palavra, a explicação universal para tudo o que não se compreende. Como já contestamos suficientemente essa objeção, prosseguiremos nos dirigindo àqueles que nos podem compreender.

117 Eis agora, entretanto, um outro fato mais característico e que gostaríamos de ver como poderiam explicá-lo apenas pela imaginação.

Um senhor morador do interior nunca pensara em se casar, apesar da insistência de sua família. Insistiam notadamente para que ele se casasse com uma jovem de uma cidade vizinha, que ele jamais vira. Um dia, em seu quarto, ficou assustado ao se ver na presença de uma jovem vestida de branco e com a cabeça enfeitada com uma coroa de flores, que dizia ser sua noiva; ela estendeu-lhe a mão, em que via uma aliança,

* **Rapé:** tabaco em pó, para cheirar (N.E.).

e a colocou sobre a sua. Em poucos instantes tudo desapareceu. Surpreso com a aparição e certificando-se de que estava bem acordado, perguntou se alguém estivera na casa durante o dia; mas lhe disseram que não tinham visto ninguém. Um ano depois, cedendo à solicitação de uma parente, decidi ir ver a moça, a noiva prometida. Ele chegou à cidade no dia de Corpus Christi; todos voltavam da procissão, e uma das primeiras pessoas que lhe surgiu à frente, quando entrou na casa, foi uma jovem, que reconheceu como a que lhe havia aparecido; estava vestida da mesma forma, porque o dia da aparição era também dia de Corpus Christi. Ele ficou atônito e, por sua vez, a jovem soltou um grito de surpresa e sentiu-se mal. Quando voltou a si, disse que já havia visto aquele senhor no mesmo dia do ano anterior. O casamento foi realizado. Isso ocorreu em 1835, época em que não se falava em Espíritos; além disso, tanto um quanto outro eram pessoas extremamente simples, com a imaginação menos exaltada que pode haver no mundo.

Poderão dizer talvez que tanto um quanto o outro estavam tocados pela idéia da união proposta, que foi a determinante de uma alucinação; mas não podemos nos esquecer de que o marido era tão indiferente à proposta de casamento que passou um ano sem ver sua pretendida. Mesmo que se admitisse essa hipótese, restaria explicar a dupla aparição, a coincidência da roupa com o dia de Corpus Christi e, enfim, o reconhecimento físico entre pessoas que jamais haviam se visto, particularidades que não podem ser produto da imaginação.

118 Antes de avançar, devemos responder imediatamente a uma pergunta que não podemos deixar de fazer: como o corpo pode viver enquanto o Espírito está ausente? Poderíamos dizer que o corpo pode viver uma vida orgânica, que independe da presença do Espírito, e a prova disso é que as plantas vivem e não têm Espírito. Entretanto, devemos acrescentar que, durante a vida, o Espírito nunca, em nenhuma circunstância, fica completamente separado do corpo. Os Espíritos, assim como alguns médiuns videntes, reconhecem o Espírito de uma pessoa viva por um cordão luminoso que termina em seu corpo, fenômeno que não acontece quando há o desencarne, porque então a separação é completa. É por esse cordão que o Espírito é advertido instantaneamente, qualquer que seja a distância que esteja, da necessidade de voltar ao corpo, o que ele faz com a rapidez de um relâmpago. Daí resulta que o corpo nunca pode morrer enquanto o Espírito está ausente e que nunca pode acontecer de este, em seu retorno, encontrar a porta fechada, como quiseram fazer crer alguns romancistas em histórias de lazer (Veja em *O Livro dos Espíritos*, questões nºs 400 e seguintes).

119 Voltemos ao nosso assunto. O Espírito de uma pessoa viva, quando fora do corpo, pode aparecer como o de uma pessoa morta e ter todas as aparências da realidade; além disso, pelos mesmos motivos que já explicamos, pode adquirir uma tangibilidade momentânea. É este fenômeno, designado de *bicorporeidade*^{*}, que deu origem às histórias dos homens duplos, ou seja, indivíduos cuja presença simultânea foi constatada em dois lugares diferentes. Citemos dois exemplos tirados não das lendas populares, mas da história eclesiástica.

Santo Alfonso de Liguori foi canonizado antes do tempo prescrito por ter se mostrado simultaneamente em dois lugares diferentes, o que passou por um milagre.

Santo Antônio de Pádua¹ estava na Espanha e, no momento em que pregava, seu pai, que estava em Pádua, ia para o suplício, acusado de assassinato. Nesse momento, Santo Antônio aparece em Pádua, demonstra a inocência de seu pai e faz com que seja conhecido o verdadeiro criminoso, que, mais tarde, sofre o castigo. Foi constatado que nesse momento Santo Antônio não tinha saído da Espanha.

Santo Alfonso, tendo sido evocado sobre o fato, deu-nos as seguintes respostas:

1. Poderíeis nos dar a explicação desse fenômeno?

“Sim; o homem, quando está completamente liberto da matéria por sua virtude, quando eleva sua alma a Deus, pode aparecer em dois lugares ao mesmo tempo. Eis como: o Espírito encarnado, sentindo o sono chegar, pode pedir a Deus para se transportar a um lugar qualquer. Seu Espírito ou sua alma, como quiserdes chamar, abandona o corpo, acompanhado de uma *parte* de seu perispírito, e deixa a matéria bruta num estado próximo à morte. Digo *próximo* à morte porque ficou no corpo um laço que liga o perispírito e a alma à matéria, e esse laço não pode ser definido. O corpo aparece então no lugar que deseja. Acredito que isso é tudo o que desejais saber.”

2. Isso entretanto não nos dá a explicação da visibilidade e da tangibilidade do perispírito.

“O Espírito, quando desprendido do corpo, de acordo com o seu grau de elevação, pode se tornar tangível à matéria.”

3. O sono do corpo é indispensável para que o Espírito apareça em outros lugares?

^{*} **Bicorporeidade:** desdobramento (N.E.).

1 - **Santo Antônio de Pádua:** baseados nos biógrafos de Antônio, que é o santo mais popular da Igreja Romana, devemos assinalar que há aqui uma troca de lugares. De fato Antônio estava pregando em Pádua (Itália) e em desdobramento foi a Lisboa (Portugal) para livrar seu pai de uma sentença de morte por uma acusação falsa. Esse é considerado um de seus milagres (N.E.).

“A alma pode se dividir quando se sente atraída para um lugar distante do seu corpo. Pode acontecer de o corpo não dormir, apesar de ser muito raro; mas o corpo nunca estará num estado normal, estará sempre num estado mais ou menos extático.”

◆ *A alma não se divide no sentido literal da palavra; ela se irradia para todos os lados e tem a possibilidade de se manifestar em diversos lugares, sem se dividir; é semelhante à luz, que pode simultaneamente se refletir em diversos espelhos.*

4. Quando uma pessoa está dormindo e o seu Espírito aparece noutra parte, o que aconteceria se fosse acordada subitamente?

“Isso não aconteceria, porque, se alguém tivesse a intenção de acordá-la, o Espírito retornaria ao corpo ao prever a intenção, pois o Espírito lê os pensamentos.”

◆ *Uma explicação idêntica nos foi dada diversas vezes por Espíritos de pessoas mortas ou vivas. Santo Alfonso explica a dupla presença, mas não a teoria da visibilidade e da tangibilidade.*

120 Tácito² relata um fato semelhante:

Durante os meses em que Vespasiano³ estava em Alexandria aguardando os ventos favoráveis de verão e a estação em que o mar oferece segurança, diversos prodígios aconteceram, pelos quais se manifestaram a proteção do céu e o interesse que os deuses pareciam ter por esse príncipe...

Esses prodígios despertaram em Vespasiano o desejo de visitar a morada sagrada dos deuses, para consultá-los em relação ao Império. Ele ordenou que o templo fosse fechado a todas as pessoas; uma vez lá dentro e atento ao que o oráculo⁴ ia dizer, notou atrás de si um dos chefes

2 - **Públio Cornélio Tácito (54-120):** historiador romano (N.E.).

3 - **Tito Flávio Vespasiano (7-79):** Foi imperador romano de 69 a 79 da nossa era (N.E.).

4 - **Oráculo:** O oráculo era um local, geralmente em templos ou pequenos altares, onde era tido que os deuses respondiam às perguntas que lhes faziam. Eram lugares sagrados e as respostas eram dadas por intermédio de pitonisas ou sibilas, profetisas, geralmente mulheres, que sabemos hoje eram em verdade médiuns psicofônicas. Era uma prática difundida em todo o mundo. Desde os gregos antigos se registram as consultas a oráculos e historicamente a mais antiga e famosa de que se tem notícia é a de Delfos. Também Saul (1150 a.C.), rei dos hebreus, no Velho Testamento, consulta a pitonisa de Endor, como vemos em I Samuel: 28, para saber de sua sorte. Neste episódio o próprio Espírito do profeta Samuel, evocado pela pitonisa vem aconselhar a Saul. Ainda no Velho Testamento temos a consulta mediúnica em muitas outras passagens, por exemplo, em Números 11: 26 a 29 e em 22: 23 a 35. Também os profetas bíblicos eram médiuns. Isto põe à mostra que a mediunidade é tão velha quanto o Homem como atestam os dados bíblicos e históricos e também nos escritos tradicionais de chineses e de indianos com mais de 10.000 anos há referências a seres celestiais que se manifestavam aos homens. Dêem a estes fatos o nome que quiserem são no final mediúnicos, em que vemos a intervenção de Espíritos (instrutores) e de médiuns (receptores) (N.E.).

egípcios dos mais importantes, chamado Basilide, que ele sabia estar doente em lugar bem distante de Alexandria. Perguntou aos sacerdotes se Basilide estivera aquele dia no templo, perguntou aos passantes se o tinham visto na cidade e, por fim, enviou homens a cavalo e certificou-se de que, naquele momento em que lhe havia aparecido, Basilide estava a oitenta milhas de distância. Desde essa época não mais duvidou de que a visão havia sido algo sobrenatural, e o nome Basilide tornou-se para ele um oráculo (TÁCITO. *Histórias*. Livro Quarto, capítulos 81 e 82. Tradução de Burnouf).

121 A pessoa que aparece simultaneamente em dois lugares diferentes possui portanto dois corpos; mas, dos dois corpos, apenas um é real; o outro é apenas uma aparência; podemos dizer que o primeiro possui vida orgânica e que o segundo possui a vida da alma; ao despertar, os dois corpos se reúnem, e a vida da alma entra no corpo material. Não parece ser possível, pelo menos não temos nenhum exemplo disso, e a razão parece demonstrar, que, durante a separação, os dois corpos desfrutem simultaneamente e no mesmo grau as vidas ativa e inteligente. Além do que acabamos de dizer, resulta que o corpo real não poderia morrer enquanto o corpo aparente permanecesse fora dele: a aproximação da morte atrai sempre o Espírito para o corpo, ainda que apenas por um instante. Disso resulta, igualmente, que o corpo aparente não poderia ser morto, porque não é orgânico e não é formado de carne e osso; ele desapareceria no momento em que o quisessem matar.*

122 Passemos ao segundo fenômeno, chamado de *transfiguração*. Ele consiste na mudança de aspecto de um corpo vivo. Eis em relação ao assunto um fato do qual podemos garantir a perfeita autenticidade e que se passou nos anos de 1858 e 1859 nos arredores de Saint-Etienne.

Uma jovem de aproximadamente quinze anos de idade desfrutava da singular faculdade de se transfigurar, ou seja, de tomar em determinados momentos a aparência de pessoas mortas; a transformação era tão completa que se acreditava ver as pessoas diante de si, tal a semelhança dos traços fisionômicos, do olhar, do som da voz e até da maneira de falar. Esse fenômeno se repetiu centenas de vezes, independentemente da vontade da mocinha. Ela tomou diversas vezes a aparência

* Veja a *Revista Espírita*, janeiro de 1859, "O duende de Baione"; fevereiro de 1859, "Os agêneres"; "Meu amigo Hermann"; maio de 1859, "O laço entre o Espírito e o corpo"; novembro de 1859, "A alma errante"; janeiro de 1860, "O Espírito de um lado e o corpo do outro"; março de 1860, "Estudos sobre o Espírito de pessoas vivas"; "O doutor V. e a senhorita I"; abril de 1860, "O Fabricante de São Petesburgo"; "Aparições tangíveis"; novembro de 1860, "História de Maria Agreda"; julho de 1861, "Uma aparição providencial" (N.K.).

de seu irmão, que havia morrido alguns anos antes; tomou não apenas seu semblante, mas também seu porte e o volume de seu corpo. Um médico do lugar testemunhou diversas vezes esses estranhos efeitos e, querendo se certificar de que não era um brinquedo de ilusão, fez uma interessante experiência. Conhecemos os fatos pelo que ele mesmo nos contou, pelo pai da moça e por diversas outras testemunhas oculares bastante honradas e dignas de fé. Ele teve a idéia de pesar a moça no seu estado normal e, depois, no estado de transfiguração, quando passava a ter a aparência de seu irmão, que tinha vinte e poucos anos e que era bem maior e bem mais forte. Pois bem! Ele descobriu que nesse estado o seu peso era quase o dobro. A experiência foi conclusiva; era impossível atribuir aquela aparência a uma simples ilusão de ótica. Tentemos explicar o fato, que durante algum tempo foi considerado milagre, mas que chamamos simplesmente de fenômeno.

123 A transfiguração, em certos casos, pode ser uma simples contração muscular que dá à fisionomia uma outra expressão, a ponto de tornar a pessoa quase irreconhecível. Temos observado isso com frequência em sonâmbulos, mas nesses casos a transformação não é radical; uma mulher poderá parecer jovem ou velha, bela ou feia, mas será sempre uma mulher, e seu peso não aumentará nem diminuirá. No caso que relatamos, está bem evidente que há alguma coisa a mais; a teoria do perispírito vai nos esclarecer isso.

Está admitido, em princípio, que o Espírito pode dar a seu perispírito qualquer aparência; que pela modificação na disposição molecular pode lhe dar visibilidade, tangibilidade e conseqüentemente *opacidade*; que o perispírito de uma pessoa viva, fora do corpo, pode passar pelas mesmas transformações; que essa mudança de estado se opera pela combinação de fluidos.

Imaginemos agora o perispírito de uma pessoa viva que, sem estar fora do corpo, irradia-se ao redor dele de maneira a envolvê-lo como num vapor; nesse estado, pode sofrer as mesmas modificações que sofreria se dele estivesse separado. Se ele perde a transparência, o corpo pode desaparecer, tornar-se invisível e ficar oculto, como se estivesse mergulhado num nevoeiro. Ele até mesmo poderá mudar de aspecto, tornar-se brilhante, se for a vontade do Espírito ou se ele tiver poder para isso. Um outro Espírito, combinando seu próprio fluido com o do primeiro, poderá dar a essa combinação de fluidos a sua própria aparência; de modo que o corpo real desapareça sob um envoltório fluídico exterior, cuja aparência pode variar de acordo com a vontade do Espírito. Essa parece ser a verdadeira causa do fenômeno estranho e raro, convém que se diga, da

transfiguração. Quanto à diferença de peso, ela pode ser explicada pela mesma maneira dos corpos inertes. O peso real do corpo não variou, porque a quantidade de matéria não aumentou; ele sofreu a influência de um agente exterior, que pode aumentar ou diminuir seu peso relativo, como já explicamos anteriormente nas questões nºs 78 e seguintes. É provável que, se a transfiguração acontecer com um adulto e ele tomar o aspecto de uma criança, seu peso diminua proporcionalmente.

124 Compreende-se que o corpo possa tomar uma outra aparência maior ou até mesmo da mesma dimensão; mas como poderá tomar uma menor dimensão, a de uma criança, como acabamos de dizer? Nesse caso, o corpo real não ultrapassaria os limites do corpo aparente? Também não queremos dizer que o fato se produziu; apenas queremos mostrar, em referência à teoria do peso específico, que o peso aparente poderá diminuir.

Quanto ao próprio fenômeno, não afirmamos nem sua possibilidade nem sua impossibilidade; mas, se ocorresse e se não fosse possível dar-lhe uma solução satisfatória, isso não o anularia; não podemos nos esquecer de que estamos nos primórdios da ciência e que ela está longe de haver dito sua última palavra sobre esse ponto, como sobre muitos outros. Aliás, as partes excedentes do corpo poderiam perfeitamente se tornarem invisíveis.

A teoria do fenômeno da invisibilidade deduz-se muito naturalmente pelas explicações anteriores e pelas que foram dadas em relação ao fenômeno de transporte, nas questões nºs 96 e seguintes.

125 Resta-nos falar do singular fenômeno dos *agêneres** que, por mais extraordinário que possa parecer à primeira vista, não é mais sobrenatural do que os outros. Mas, como já explicamos na *Revista Espírita* (fevereiro de 1859), acreditamos ser inútil reproduzir aqui seus detalhes; diremos apenas que é uma variedade da aparição tangível; é o estado de certos Espíritos que podem se revestir momentaneamente das formas de uma pessoa viva, a ponto de causar completa ilusão.

* **Agêneres:** (do grego *a*, privativo, e *gêiné*, *gêinomai*, gerar; que não foi gerado). Variedade de aparição tangível; estado de certos Espíritos que podem se revestir momentaneamente das formas de uma pessoa viva, a ponto de produzir ilusão completa (N.E.).